

RODRIGO ASSIS ROSA

HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA

JUNDIAÍ - 2002

RODRIGO ASSIS ROSA

HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA PARÓQUIA DE SÃO JOÃO BATISTA

Trabalho de aproveitamento da disciplina
Filosofia da História do curso de Filosofia da
Pontifícia Universidade Católica de Campinas,
sob orientação do Profº Antonio C. Martinazzo.

JUNDIAÍ - 2002

Histórico da fundação da paróquia de São João Batista

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma descrição dos principais elementos que compuseram a fundação da paróquia de São João Batista, situada no bairro da Ponte São João, Jundiaí – SP. Os elementos utilizados para realizar tal esforço são, na sua maioria, coletados de forma informal com os antigos moradores. Mas além da tradição oral, alguns elementos foram coletados a partir dos arquivos na secretaria da paróquia.

A paróquia de São João Batista tem uma história que já passa de um século. Em seu início, a pequena capela era o local onde se encontravam os fieis, na sua maioria imigrantes italianos, que vieram trabalhar nas fazendas da região.

Na época, as grandes festas precisavam ser realizadas ao lado da capela, devido ao seu pequeno tamanho. A festa mais antiga que se tem notícia é a lavagem do santo padroeiro (São João Batista) no rio Jundiaí, limpo até então, e que ficava a alguns metros da capela. Também ao lado havia um pequeno cruzeiro.

Ainda não havia um padre disponível. A comunidade era assistida, então, por alguns padres dos bairros vizinhos; entre as comunidades que prestavam tal assistência está a atual catedral de Jundiaí. Convém ressaltar também que na época a diocese ainda não existia. A comunidade pertencia à arquidiocese de São Paulo.

A capela de São João Batista foi elevada à condição de paróquia em 1939, por D. José Gaspar de Afonseca e Silva, tendo por primeiro pároco o padre Luís Geraldine, religioso salesiano. O Pe. Geraldine já era natural de Jundiaí e sua família ainda hoje reside nas proximidades da paróquia.

Este foi um pároco muito dinâmico e estimulava com grande entusiasmo os movimentos e pastorais da comunidade. Contudo, em 1943 precisou ser afastado. Os documentos da diocese não falam o motivo do afastamento, mas mencionam somente “problemas pessoais”. Mas os fiéis foram unânimes em admitir o motivo do afastamento: o referido padre estava se envolvendo com uma mulher da comunidade.

Foi o início de uma grande crise na paróquia. Como não havia padre para substituí-lo, as portas da igreja se fecharam por três anos. Foi um período muito duro e os fiéis já não se reuniam mais para suas atividades.

Outro grande problema que a paróquia enfrentava foi a acusação de que havia um movimento comunista entre os fiéis. Devido a essa acusação, todos os documentos da paróquia foram queimados, inclusive os documentos de fundação, as atas das reuniões, etc. Restaram somente algumas anotações feitas nas atas das paróquias vizinhas, que tinham algum tipo de envolvimento com a paróquia de S. João Batista. Essa repressão durou por um bom tempo, o que levou a paróquia a ser revistada com freqüência.

Mas em 1947 começam a surgir sinais de um novo tempo. O padre Angelo Cremonti, em nome da congregação dos padres Oblatos de Maria Virgem, foi enviado em missão aos Brasil, a pedido do superior geral.

Tendo chegado ao Brasil, o Pe. Angelo foi colocar-se à disposição ao então cardeal arcebispo de São Paulo, D. Carlos de Vasconcelos Mota. Este o encaminhou a Jundiaí, para que entrasse em contato com o padre Arthur Ricci, vigário da matriz Nossa Senhora do Desterro, hoje catedral de Jundiaí.

O Pe. Ricci levou o Pe. Angelo para que conhecesse a paróquia abandonada de São João Batista. Ao chegar no local, Pe. Angelo ficou decepcionado em encontrar a igreja naquele estado lastimável. Num momento de profunda desolação exclamou: “Mas meu Deus, atravessei mares para chegar num lugar desses?”

Foi nesse momento que o Pe. Ricci o questionou se aceitaria o desafio, com as palavras “E aí, Angelo, tudo azul?” – expressão muito comum na época. Nesse instante, Pe. Angelo, cheio de confiança e seguindo a herança dos Oblatos de Maria Virgem, exclama: “Tudo azul, no manto azul de Nossa Senhora!” – expressão até hoje lembrada com muita emoção pelos fiéis da comunidade.

Foi então que aos 26 de Outubro de 1948, Pe. Angelo Cremonti OMV foi nomeado pároco da matriz de São João Batista, numa cerimônia presidida pelo Pe. Arthur Ricci. Quando ele assumiu a paróquia, não havia nenhuma acomodação para ele, tendo que dormir no coro da Igreja. Para as refeições, Pe. Angelo contava com o apoio do fiéis que o acolhiam em suas casas.

Passado um tempo nessas condições, Pe. Angelo foi encontrado em sua cama com uma forte febre. Nesse momento os abastados da região se sensibilizaram e compraram uma casa ao lado da igreja, e a doaram para que servisse de casa paroquial.

Nos meses que se seguem há um forte empenho de Pe. Angelo em renovar a catequese e pastorais, assim como em melhorar as condições sociais da comunidade.

Sendo grande devoto de Nossa Senhora, amor cultivado com carinho entre os Oblatos de Maria Virgem, Pe. Angelo apressou-se em introduzir na paróquia a devoção à Nossa Senhora das Graças, que hoje é tradicionalmente reconhecida na cidade toda.

Sua opção pelos pobres era evidente, chegando a distribuir alimentos de sua mesa e colchão de sua cama aos irmãos menos favorecidos. Com um grande zelo pelas crianças, funda uma escolhinha de ensino fundamental, que mais tarde se transformou na escola paroquial Nossa Senhora das Graças. Para as crianças, que na sua maioria eram muito pobres, Pe. Angelo se esforçava para conseguir roupas e calçados.

Aos poucos foram surgindo reforços para o trabalho na paróquia. Outros padres Oblatos de Maria Virgem começaram a vir da Europa para ajudar Pe. Angelo Cremonti.

Preocupado com a evangelização e a cultura do povo, em 1960 iniciou uma campanha para que fossem construídas as escolas-capelas nas comunidades mais distantes da matriz, que hoje formam as atuais 5 capelas da paróquia.

Com o passar dos anos, foram ampliadas as salas da escola paroquial (hoje administrada pelo SESI) e iniciada a construção do Cine Alvorada, que se esforçava por trazer ao povo simples as produções culturais da época. Também a sociedade musical de São João Batista teve em Pe. Angelo seu fundador e grande incentivador.

Graças ao empenho de Pe. Angelo Cremonti, em conjunto com seus confrades Oblatos de Maria Virgem, a paróquia de São João Batista tem hoje uma excelente estrutura civil (prédios e templos), e uma excelente organização dos trabalhos sociais e apostólicos.

Pe. Angelo fica na paróquia de São João Batista por 23 anos até que, em 1968 foi convidado a ser Superior Delegado da Congregação no Brasil, tendo que deixar Jundiá e ir se estabelecer na então sede da Congregação, a paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em São Paulo, também fundada por ele em colaboração com outros padres Oblatos.

Segue anexo as primeiras páginas da ata da “refundação” da paróquia, quando da tomada de posse de Pe. Angelo como pároco e as descrições de suas primeiras atividades. Segue também uma cópia do jornal paroquial, por ocasião das festividades do “Cinqüentenário de devoção a Nossa Senhora das Graças” e, conseqüentemente, comemorando também os cinqüenta anos da presença da congregação dos Oblatos de Maria Virgem no Brasil.

Também em anexo, está transcrita a homilia pronunciada por Pe. Ângelo, por ocasião do “Jubileu de prata de devoção mariana”, na paróquia. Festividade essa que também inaugurou a primeira grande reforma (ampliação) na paróquia de S. João Batista.

Rodrigo Assis Rosa